

O NARCOTERRORISMO

*Cel Edgar Prudencio Medrano**

*Tradução e notas: Oscar Vieira da Silva***

Resumo: Em seu trabalho, o autor, Oficial da Polícia boliviana, depois de fazer um breve histórico da utilização da folha de coca por indígenas da América do Sul, mostra sua posterior utilização para a elaboração da pasta de cocaína, de seu refino e a difusão do uso da droga no mundo inteiro. Aponta os malefícios causados pelo consumo da droga e a união entre traficantes e grupos terroristas; aponta ainda a utilização, por uns e por outros, dos incalculáveis lucros para financiar as atividades desenvolvidas pelo terrorismo internacional. Depois de apontar as dificuldades na luta contra os traficantes, dá sugestões às polícias para que se torne mais produtivo o combate ao tráfico e consumo de entorpecentes, principalmente da cocaína.

PRÓLOGO

O alarmante índice de crescimento do tráfico e de consumidores de cocaína na América Latina constitui uma constante preocupação não só para os governos, como também para todas as pessoas sensíveis a esse crime e que não podem ficar à margem da luta contra o narcotráfico. A cada dia, milhares de famílias vêem como seus filhos são arrastados para o horror da droga, cujo resultado final é a dependência e a morte. O presente trabalho poderia ser mais profundo, mas acreditamos que cumpre seu principal objetivo: resumir a história da coca, o aparecimento da cocaína na Bolívia, o cultivo cada vez maior da folha de coca, a assimilação, por parte da massa camponesa, dos métodos de produção do alcalóide, com a introdução de novos métodos nativos — contribuição popular na transformação da coca em cocaína — o constante aumento do número de pessoas comprometidas nas atividades criminosas dos grupos de narcotraficantes — a chamada economia informal — e, finalmente, um breve resumo da confluência do narcotráfico com os movimentos subversivos, sem esquecer as rotas que a droga percorre até chegar aos verdadeiros mercados consumidores: Estados Unidos e Europa.

O presente trabalho foi elaborado por um especialista, o Coronel Edgar Prudencio Medrano, do qual é pertinente fazer uma pequena biografia profissional.

O Coronel Edgar Prudencio Medrano tem-se caracterizado, em sua carreira policial, por agudo senso de investigação e de estudo submetidos a uma verdadeira disciplina científica.

A essa singular aptidão pela busca de novos horizontes na investigação, deve-

* Da Polícia boliviana.

** Professor da Academia de Polícia Militar de Minas Gerais.

mos acrescentar seu senso de criatividade, proverbialmente conhecido na Bolívia. O Coronel Edgar Prudencio Medrano é o criador, por exemplo, do Centro de Adestramento de Cães; organizador do excelente Serviço de Rádio Patrulhas que não só atende a chamadas telefônicas que denunciam assaltos, seqüestros ou crimes, mas também tem destacada função social nos bairros pobres, como, por exemplo, assistindo o parto de mães de poucos recursos. Foi também instrutor da Academia de Polícia de La Paz, ensinando aos futuros oficiais da Polícia as diversas técnicas de defesa e de ataque; nos últimos anos, foi requisitado pela Presidência da República para a chefia do Serviço de Inteligência do Palácio do Governo, tarefa em que sua inquietação profissional promoveu a introdução do sistema de computação e onde, pouco antes de ausentar-se para o Brasil, desempenhava as funções de Chefe de Operações do importante Ministério do Interior. Nessa etapa, certamente como decorrência de seu espírito empreendedor, reorganizou os métodos caducos e até inoperantes do sistema de segurança.

Depois de expor os antecedentes do Coronel Edgar Prudencio Medrano, a leitura dos capítulos sobre a droga, sobre o consumo e a difusão da cocaína entre narcotraficantes e extremistas de esquerda e de direita, não podemos senão nos somarmos à corrente que busca pôr fim à chaga social do tráfico e consumo de cocaína.

Finalmente, encarecemos a tese do Coronel Edgar Prudencio, segundo a qual tanto os extremistas de esquerda quanto os de direita recorrem ao narcotráfico para custear a subversão, não lhes importando seu custo social nem o caminho que os leve a atingir seu objetivo.

La Paz, 17 de novembro de 1987

INTRODUÇÃO

Há muito tempo, quando já se anteviam os primeiros sinais da atividade criminosa do narcotráfico, diferentes segmentos da opinião pública chamaram a atenção para o perigo potencial que encerrava o tráfico ilegal de drogas, ainda que incipiente. Desde então, o narcotráfico tem proliferado vertiginosamente, amparado em múltiplas ramificações internacionais e, infelizmente, incrementado pelo consumo e pela demanda em expansão, o que não deixa de suscitar questões cruciais sobre a contextura moral das chamadas sociedades pós-modernas. Em nossos dias, o consumo de drogas já não traduz apenas o desejo de experimentar a atitude lúdica dos poetas; transformouse em consumo amplo que expressa um estado de alienação e, em muitos casos, um impulso de autodestruição, em particular nas faixas mais jovens.

Por isso o narcotráfico e o terrorismo, agora seu aliado natural, são os fenômenos mais deletérios da sociedade contemporânea, para os quais não se encontraram, até o momento, nem o remédio mais eficaz nem os métodos de prevenção mais adequados.

Sendo comum aos dois crimes o fato de se projetarem em escala universal, exigem respostas também universais. Ainda que sejam fenômenos distintos em seu gênero, o tráfico de narcóticos e o tráfico de armas destinadas ao terrorismo organizado sobrepõem-se e colaboram entre si, por cruzarem os mesmos caminhos.

A corrida pelo controle dos mercados leva o narcoterrorismo a uma lógica da violência que se constitui em lei e em norma válida de atividade: competidores, autoridades, barreiras são considerados, nesta luta, como inimigos mortais.

Devido a seu caráter latente e tendo em vista o volume de dinheiro que o tráfi-

oo movimentada, pouco a pouco vem-se convertendo em um mecanismo que pode alterar a estabilidade e a ordem econômica em nível mundial.

Em todos os níveis, a atividade do narcotráfico é prejudicial: causa danos à saúde, atenta contra a moral da comunidade, estimula a violência, provoca uma luta cega pelo poder; afeta a ordem econômica, estimula o jogo terrorista e põe em sério risco as relações internacionais dos países.

A maior atrocidade que hoje vivenciamos é a do narcoterrorismo que não conhece fronteiras para sua belicosidade e para o mal que causa à humanidade.

Enganam-se aqueles que fecham os olhos ante uma terrível realidade, aqueles que acreditam que esta demência contemporânea pode ter algum significado dentro da atividade política. Seu objetivo primordial não é a destruição de uma ordem considerada injusta, mas a destruição por si mesma; seu caminho é o da morte e sua ideologia pertence ao mundo confuso e conturbado da loucura. Parodiando a bela frase de Unamuno, o narcoterrorista é um inválido que busca seu caminho nas mutilações que pode causar a seu redor.

O próprio Engels, apesar de situado ao lado dos que postulam a violência para alcançar o poder, em seu combate contra o terrorismo de extrema esquerda dizia: "Os terroristas não sabem o que fazem e semeiam a confusão e a morte; ou o sabem e traem a Revolução. Em um e outro caso, servem à reação." Junte-se a esse pensamento o de que, nos tempos modernos, o narcoterrorismo pretende erigir-se em senhor absoluto de um mundo desequilibrado, utilizando o vício e a violência como armas para destruir os valores éticos e o equilíbrio da humanidade.

O presente trabalho, apesar de sua modesta concepção, traduz minhas experiências com um tema de palpante atualidade e, tendo em vista minha formação profissional, representa minha contribuição a uma luta que, por seu caráter universal, exige a dedicação dos que estamos conscientes de cumprir com um dever indeclinável e participamos decididamente com essa cruzada de salvação.

Estamos certos também de que nenhum plano, nenhuma organização, por mais empenho que tenha em erradicar do nosso mundo os grupos narcoterroristas, logrará êxito se não contar com os recursos econômicos necessários para enfrentar o poder econômico dos narcotraficantes, se não contar com homens de comprovadas fé e integridade profissional que se ergam como uma muralha intransponível ante os ideólogos da destruição.

Este é o espírito que anima este documento. Porque tanto em meu país, como nos demais, existe uma preocupação constante com o futuro das gerações envolvidas pelos tentáculos das transnacionais do vício que, em uma nova versão do Apocalipse, tratam de assenhorar-se dos escombros morais e materiais de uma sociedade em decadência.

CAPÍTULO I

COCA E COCAÍNA

1.1.1 – Antecedentes

Muito se tem falado e escrito sobre a folha de coca e suas qualidades alimentícias, bem como de suas propriedades medicinais. Tais características, em si, ainda cons-

tituem motivo de discussões que colocam em campos diferentes os que defendem os supostos benefícios da folha; alguns estão imbuídos de ideologias nacionalistas, defensores das “grandes maiorias nacionais”; outros adotam a posição de testas-de-ferro dos grandes consórcios de narcotraficantes que, por razões óbvias, têm que defender a matéria-prima destinada ao preparo da cocaína.

No aspecto farmacológico, a folha de coca tem a virtude de ser anestésico de grande poder para eliminação da dor, já que seu conteúdo de cocaína dá-lhe características analgésicas singulares e propriedades insensibilizadoras.

1.1.2 – Substituição nutricional

Quanto às qualidades alimentícias, análise bromatológica de 100 g de coca de procedência boliviana realizada pela Universidade de Harvard, dos Estados Unidos, indica um conteúdo de 305 calorias, 19.9 g de proteínas de 46.2 g de hidratos de carbono, e ainda certa quantidade de cálcio, ferro, fósforo e vitaminas A e B. Se consideramos que o mastigador médio de coca consome em torno de 55 g de folha, o número de calorias que ingere reduz-se a 168, o que prova que a coca não pode ser considerada como um substituto nutricional capaz de permitir o desenvolvimento normal de uma pessoa. Na realidade, o que ocorre é que a coca, por suas propriedades anestésicas, provoca efeitos insensibilizantes que reduzem a fome e a fadiga dos que a consomem.

Tanto no passado como em nossos dias a cocaína é utilizada, no campo da medicina, como anestésico local. No entanto, ao ser usada como agente ativo para a criação sensorial de mundos imaginários, paraísos dourados e para a fuga da realidade, ocasiona danos irreparáveis à sociedade que a consome.

1.1.3 – Precedentes históricos

A história da coca remonta à noite dos tempos, ao passado milenar. Quando os primeiros conquistadores chegaram à América, o uso da coca na sua forma tradicional, a mastigação, já era antiga prática entre os aimara, os quechua e os chipchua que habitavam a Cordilheira dos Andes, na Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. Além de mastigada, a folha era comumente usada nas festividades, cerimônias e numa série de magias, pelos yatiris¹ ou feiticeiros, para curar males do espírito ou advinhar o futuro. Existem provas de que os aborígenes usaram a coca como anestésico para a trepanação, durante o período inca.

Um membro eminente do Instituto Indigensita Americano disse que “o uso da coca pelos indígenas da América do Sul é tão antigo que se torna impossível determinar quando se tornou elemento importante em certas culturas do Continente. Existem muitas provas documentais que revelam que a coca tinha um papel importante, predominante, na vida dos chipcha, aimara e quechua durante o século XVI, porque se usa a coca há milhões de anos”.

O uso da coca como substituto alimentício estendeu-se por ambos os lados da Cordilheira dos Andes, chegando, pelo Oriente, até o início da Região Amazônica (Rio Negro-Brasil) e, pelo Ocidente, até o Oceano Pacífico.

A coca é cultivada preferentemente nos “Yungas”, zonas subtropicais situadas entre o maciço das montanhas e o trópico quente e úmido. Sua semeadura realiza-se em terraços em forma de degraus; trata-se de um arbusto cujas folhas são colhidas até quatro vezes por ano.

1.1.4 – Os cronistas e a coca

Garcilazo de La Vega², em seus “Comentários Reais dos Incas”, diz que a coca “é uma planta de altura e da grossura da videira, de ramagem escassa, na qual brotam folhinhas delicadas, da largura do dedo polegar e compridas como a metade do mesmo; são de agradável odor, mas não muito doces... tão agradável é a coca para os índios que a preferem ao ouro, à prata e às pedras preciosas... Costumam mastigá-la, mas não a engolem, concentrando-se em sentir a fragância e engolir o sumo. A coca preserva o povo de muitas enfermidades e muitos médicos espanhóis usam-na triturada para deter a inflamação das feridas.”

Outros cronistas espanhóis, como García Diez (1567), diziam que, ainda durante os primeiros anos da colonização, as folhas de coca eram de uso exclusivo dos sacerdotes quechua e aimara.

1.1.5 – Proliferação da coca

É a partir de 1545 – segundo a tradição incorporada à história – quando o indígena Huallpa³ descobriu o primeiro veio de prata no Cerro Rico de Potosí⁴ que se inicia a produção maciça da folha de coca destinada ao consumo de milhares de aborígenes, transmigrados para a exploração de minas de prata.⁵ A partir daí, utilizou-se o trabalhador nativo como uma espécie de mão-de-obra barata e fácil de ser explorada, para a produção mineral, devido ao fato de, mediante a mastigação da folha, extrair dela o apreciado sumo que adormecia o estômago e evitava a fome.

Para cobrir a crescente demanda desta folha nas minas de prata, foi necessário aumentar o cultivo na zona dos “Yungas” e organizar sua produção. É então que se inicia na Bolívia a plantação de grandes extensões de terra e a ligação da coca com a economia do País.

Desde essa época, passando pela República, vemos com justificado alarme e desgosto que a folha da coca se converte em instrumento de exploração do homem boliviano. Depois da Independência, os espanhóis, donos de terras e minas, assim como a nova casta de “criollos”⁶, proprietários de latifúndios em que se incluía o “direito” de escravizar o índio, prosseguiram utilizando a coca como o meio mais fácil de obter grandes lucros, enquanto o indígena era submetido a um tratamento infamante de que só pôde libertar-se quando veio a Reforma Agrária, que pôs fim a quatro séculos de impiedosa exploração.

O longo tempo transcorrido fez com que o indígena se integrasse intimamente à coca que, durante longos períodos, permitiu-lhe sobreviver às condições infra-humanas de vida que lhe impunham os senhores feudais e os feitores das minas.

Assim, a coca converteu-se em parte de seu parco alimento diário ou mesmo em substituto dele. Por isso, pretender tirar dele a coca é atentar contra sua própria existência.

Existe uma acentuada tendência, nas novas gerações de camponeses, em considerar a mastigação da coca como uma atitude própria de pessoas de baixas condições sociais e, portanto, em repelir o uso dela em presença de pessoas que não façam parte dos grupos familiares.

1.1.6 – Aparecimento da “deusa branca”

Em 1884, Sigmund Freud⁷ e outros cientistas descobriram as qualidades **anestésicas** da cocaína, chegando a usá-la em algumas operações cirúrgicas. Logo em seguida, Angelo Mariani foi o primeiro a utilizar o sumo da coca misturado com vinho francês; este produto, conhecido como Vinho Mariani, teve grande aceitação nas elites burguesas da época. Mais tarde surgiu também, baseada em experiências anteriores de combinações químicas, uma bebida refrescante para cujo preparo se usava um relaxante de origem africana, denominado “cola” que, misturado com a coca, resultou na famosa bebida Coca-Cola. Entretanto, a utilização da coca foi efêmera porque, em 1906, o Departamento de Alimentos dos Estados Unidos proibiu seu uso na mencionada bebida.

1.1.7 – A coca como negócio produtivo

Embora seja certo que o uso da coca no campo da medicina e da química, para a fabricação de bebidas, tenha permitido o enriquecimento de muitos industriais dentro do mercado lícito, a utilização ilegal da coca no mercado do vício contribuiu para que se construíssem, em escala mundial, verdadeiros impérios econômicos.

1.1.8 – Consumo de cocaína

A década de setenta marca o ponto de partida da escalada da droga nos Estados Unidos. A sociedade economicamente mais forte passa a consumir a droga, criando um mercado que se amplia cada vez mais. A cocaína torna-se um símbolo de fortuna e distinção: artistas de cinema, homens de negócios, políticos, banqueiros, ou seja, a classe privilegiada é que dá início ao que posteriormente haveria de converter-se no negócio mais lucrativo e no maior problema a ser enfrentado pelas autoridades e pela sociedade norte-americanas. Seu uso generaliza-se de tal maneira que, com o passar dos anos, qualquer cidadão dos Estados Unidos tinha acesso a uma dose. Dessa forma, ampliou-se o mercado consumidor, impulsionado ainda mais pela propaganda que se fazia da cocaína, e segundo a qual ela não provocava dependência física, como o ópio e seus derivados, além de não haver risco de se contrair câncer pulmonar, enfermidade muito comum entre os consumidores de outras drogas. Em pequenas quantidades, asseguravam seus propagandistas, evitava a embriaguez alcoólica e permitia prolongar o ato sexual, devido a suas qualidades anestésicas.

1.1.9 – Aumento de usuários

Toda essa propaganda interesseira conseguiu “popularizar” o consumo da cocaína, levando-o a extremos inconcebíveis, uma vez que, de acordo com estatísticas do DEA⁸, dos 90 bilhões a que chega o comércio ilegal das drogas nos Estados Unidos, mais de 60 bilhões correspondem ao de cocaína. As últimas estimativas indicam que, devido à expansão do consumo de cocaína no país do Norte, existe atualmente mais de 20 milhões de usuários. Quinze milhões são consumidores habituais, e outros cinco milhões usam a droga ocasionalmente. O que causa alarme e angústia é que grande parte dos dependentes da droga são adolescentes, vítimas do tráfico criminoso, e a se seguir esse ritmo de consumo é fácil prever as consequências catastróficas que deverá experi-

mentar uma grande nação, em grave perigo de perecer no futuro devido a um mal endêmico que se estende descontroladamente.

1.1.10 – Juventude frustrada

A Segunda Guerra Mundial provocou o surgimento de filosofias exóticas que consideravam o homem apenas como um ser a mais na escala zoológica, cuja origem era desconhecida e tendo a morte como um fim; um ser que não sabia de onde provinha nem aonde chegaria. Era um passageiro com um período de existência curta que devia ser vivida apressadamente, procurando satisfazer todos os prazeres a seu alcance.

A conflagração mundial trouxe consigo um verdadeiro genocídio, originado no desejo de vingança dos países derrotados na guerra anterior e na desmedida ambição hegemônica de seus dirigentes.

Todavia, enquanto as explosões atômicas de Hiroshima e Nagasaki, que pôs horrendo final ao conflito bélico, ainda retumbavam nos ouvidos, provocando atribulação no coração da humanidade, começou outro derramamento de sangue na zona oriental da China, na península da Coréia. Os países mais poderosos do mundo disputavam o controle de importantes regiões, em nome da geopolítica, objetivando ampliar seus planos de dominação universal.

Motivos semelhantes transferiram o campo de batalha para o Sudeste Asiático – no Vietnã – onde a juventude norte-americana sacrificou-se sem encontrar uma explicação lógica para seu absurdo holocausto.

Grandes contingentes de jovens prematuramente envelhecidos retornavam a seus lares, transportando em suas bagagens ervas típicas das regiões onde combateram, cujo uso lhes fora ensinado pelos nativos como um paliativo para suportar os rigores da cruenta guerra. Com o moral destruído, perda e esperança em um futuro melhor, tiveram, ainda, que suportar o epíteto de covardes que lhes lançava uma sociedade traumatizada.

1.1.11 – Companheiros de guerra

O haxixe, a maconha e a heroína foram companheiros inseparáveis da vida desses jovens combatentes que logo propagaram o vício em toda a América do Norte. A essas drogas somou-se, mais tarde, a cocaína, cujo consumo estava limitado, até então, às classes de maior poder econômico.

1.1.12 – A panacéia da droga

As novas descobertas tecnológicas no campo das comunicações, a televisão, a velocidade dos transportes, a chegada do homem à Lua, os satélites artificiais permitiram uma vinculação mais estreita entre os homens, desconhecida até a década de 30. Em contrapartida, todos esses avanços também são determinantes para o afloramento de fatores negativos na sociedade, aprofundando ainda mais as tensões sociais, o temor permanente de confrontos bélicos que cria insegurança na humanidade. A permanente ameaça de uma guerra nuclear induz o homem a uma vida apressada, lavando-o a desfrutar ao máximo os prazeres de uma existência que, de repente, pode ter um final trágico.

Este é o panorama sombrio que nos oferece o mundo atual. Uma geração sem fé, carente de esperanças e com futuro incerto, que busca nas drogas uma resposta às suas inquietações e interrogações. Um mundo desumanizado, incapaz de assegurar paz e bem-estar e menos ainda levar segurança à família que, unida, representa uma muralha intransponível aos perigos que nos ameaçam.

A COCAÍNA NA BOLÍVIA

Uma rápida visão retrospectiva permite evidenciar como, no curto espaço de uma década, o tráfico ilícito de entorpecentes experimentou enorme crescimento. Anteriormente, o “triângulo dourado” da droga era formado pela Tailândia e Birmânia, onde o mercado norte-americano se abastecia de heroína.

1.2.1 – Novos “triângulos”

Desde então, a cocaína vem-se convertendo em substituto da heroína, figurando a Bolívia e o Peru como os principais fornecedores. A selva colombiana foi escolhida para a instalação de laboratórios clandestinos, percorrendo-se mais tarde a “rota dourada”, Lima-Bogotá, Los Angeles, com La Paz, Rio de Janeiro-Europa. É assim que as multinacionais do tráfico de drogas estenderam sua rede, subjugando populações inteiras, estruturando sistemas sofisticados para exportar toneladas de cocaína.

Desse modo, o tráfico de drogas veio proliferando em vertiginoso crescimento, como um fenômeno que ocorre em escala mundial, amparado por poderosas ramificações internacionais e com consumo e demanda cada vez maiores.

É de suma importância fazer um profundo estudo do que significa, para todos, adotar políticas que se ajustem à dinâmica da realidade atual, dos países envolvidos no problema e de suas implicações sócio-econômicas, a fim de se proceder, nos atuais processos, a uma séria análise do problema.

1.2.2 – A produção de cocaína

A produção de cocaína utiliza como matéria-prima a folha de coca, cujo cultivo se incrementa a partir da segunda metade da década de 70; atualmente, mais de 70% da produção destinam-se ao processamento da pasta-base de cocaína e cloridrato de cocaína, ficando menos de 30% para os usos tradicionais. Este fato decorre de duas situações: aumento da demanda de cocaína no mercado internacional, estimulado pelos mecanismos que geram as multi e as transnacionais do tráfico de drogas; o aprofundamento da crise econômica dos países envolvidos na produção, cujos efeitos se traduzem, em uma de suas faces, em elevada porcentagem de desemprego que origina migrações tanto de setores camponeses quanto urbanos para regiões produtoras de folha de coca.

De acordo com as últimas estimativas, a superfície de cultivo da folha de coca é superior a 70 mil hectares, com um contingente aproximado de 350 mil pessoas envolvidas no setor. O crescimento real da produção de coca na Bolívia, de 80 a 86, mostra uma taxa média anual de 35% que, comparada com o crescimento de 2.36% do PIB na economia formal, no mesmo período, demonstra que a superprodução da folha de coca está ligada ao fenômeno do tráfico de cocaína e de seu crescimento incidente na economia.

Durante o período indicado, o número de hectares cultivados cresceu em 240%, com uma superfície estimada de 70 mil hectares que, embora representem menos de 1% do território da Bolívia, alcançam 35% da zona potencial do cultivo da coca: as zonas do Chapare principalmente e o resto dos Yungas de La Paz.

1.2.3 – Produção incrível

Algumas estimativas permitem afirmar que, em 1986, o valor bruto da cocaína oscilava entre dois bilhões a dois bilhões e quinhentos milhões de dólares como produto de 450 toneladas de cocaína, aproximadamente, produzidas naquele ano.

Tenha-se em vista que a superprodução da folha de coca e sua posterior transformação em pasta-base e cloridrato de cocaína representam, para a economia boliviana, um sério problema de distribuição de recursos, pois, este setor apresenta uma rentabilidade tão elevada que os demais setores econômicos se vêem relativamente ineficientes.

1.2.4 – Economia e cocaína

A produção de cocaína não beneficia a economia boliviana, como erradamente se pode supor. Ao contrário, implica a perda da capacidade do Estado no manejo da polícia econômica, já que os recursos que provêm dessa atividade ilegal escapam a todo controle; a maioria dos milhares de dólares que circulam no comércio do narcotráfico volta ao exterior na forma de contas bancárias e investimentos, pois, em razão da legislação vigente na Bolívia, é inseguro para os traficantes mantê-los no País.

Seria ingenuidade deduzir que os efeitos do tráfico de cocaína restringem-se ao campo meramente econômico, assim como seria simplista o raciocínio de que constitui um meio para solucionar a crise econômica, posto que, de uma parte, gera empregos e, de outra, mobiliza grande quantidade de recursos que, convenientemente utilizados, poderiam potencializar o País economicamente. Estes argumentos são habitualmente utilizados pelos grandes narcotraficantes para justificar sua participação no crime, inclusive, com a pretensão de apresentarem-se como benfeitores do País ante os olhos de um povo tradicionalmente honesto e trabalhador.

1.2.5 – Ameaça ao Estado

Atualmente, a atividade do tráfico de cocaína é de tal magnitude que ameaça as instituições do País. A tentação de incorrer em práticas corruptas, dentro dos organismos de repressão e administração da justiça, é a demonstração inequívoca de seu perigo.

Há elementos incontestáveis que permitem assegurar que o tráfico de cocaína penetrou em diversas instituições que, consciente e inconscientemente, servem à atividade clandestina e permitem o crescimento de suas áreas de influência.

Não é exagero pensar que, num futuro próximo, os principais poderes do Estado possam submeter-se a essa influência. Basta que os recursos gerados pela ação criminosa se mobilizem para esse fim e cheguem, inclusive, a financiar campanhas eleitorais.

Como reflexo e resultado da incidência do tráfico de cocaína sobre a política e a economia, ocorre uma decomposição social que adquire graves conotações.

1.2.6 – Efeitos sociais

Obviamente, os efeitos sociais do fenômeno do tráfico e do consumo ultrapassam as zonas de produção. O índice do abuso de drogas cresce notavelmente. Outro fenômeno ligado ao abuso de drogas na Bolívia é a crescente participação da infância e da juventude como intermediárias na comercialização do produto. Os traficantes também utilizam menores em diversas etapas do processo, aproveitando a inimizabilidade do menor na Bolívia.

Um número cada vez maior de jovens e crianças comercializa a droga nas cidades e nos pequenos povoados, em troca de uma dose de pasta-base de cocaína para a fabricação de seus “petillos” (cigarros misturados com pasta-base de cocaína), superando, assim, a falta das condições econômicas necessárias para consumir entorpecentes.

O consumo da pasta básica desta forma é altamente perigoso já que, além da cocaína, contém várias substâncias tóxicas utilizadas para sua fabricação, tais como querosene, amoníaco, éter, acetona, ácidos sulfídrico e sulfúrico. Estes são alguns componentes da pasta básica de cocaína e que, ao serem absorvidos pelo consumidor nativo, provocam lesões no cérebro e principalmente nos pulmões, o que tem levado muitos a uma morte rápida. Esse fator faz com que o consumo de cocaína na Bolívia resulte num problema de graves conseqüências para os consumidores e autoridades encarregadas da repressão, educação e reabilitação dos dependentes nacionais de narcóticos.

1.2.7 – Aspectos jurídicos internacionais

A Bolívia, consciente da responsabilidade que tem no campo da repressão e eliminação do tráfico ilegal de cocaína, assistiu a todas as reuniões internacionais sobre o tema, com a plena convicção de que sua presença contribuía para uma abordagem de âmbito universal.

Em 1961 foram dados os primeiros passos para o controle internacional de drogas, institucionalizando-se a Convenção Única sobre Estupefacientes, modificada pelo Protocolo de 1962 e a Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas de 1971.

No entanto, a complexidade do consumo, nos campos econômicos, sociológico e outros fez com que as Nações Unidas convocassem, em 1987, uma conferência para aperfeiçoar os instrumentos jurídicos contra o tráfico e o consumo ilegais.

Em 14 de janeiro de 1984 foi aprovada, sob a chancela da Organização dos Estados Americanos, a Resolução 699, que reconhece expressamente a dimensão universal do tráfico ilegal de drogas nocivas, ao declarar enfaticamente: **O TRÁFICO DE DROGAS É UM DELITO QUE AFETA TODA A HUMANIDADE COM AS CONSEQÜÊNCIAS JURÍDICAS DO CASO.**

A Organização das Nações Unidas, a Organização dos Estados Americanos e outros organismos, como o Parlamento Andino, manifestaram reiteradamente que o caráter internacional do tráfico de drogas exige uma ação **REPRESSIVA** igualmente **INTERNACIONAL.**

1.2.8 – Convênio com os Estados Unidos

A necessidade de atuar conjuntamente para reprimir a atividade ilegal do tráfi-

co de drogas adquire dimensões realmente importantes quando, em 11 de agosto de 1983, a Bolívia e os Estados Unidos assinam um convênio para participar de ação conjunta no controle e repressão do tráfico de drogas. Esse convênio estabelece que a luta contra a droga deveria realizar-se em cooperação com a organização denominada "Drug Enforcement Agency" (DEA).

Os instrumentos jurídico-legais que respaldam a ação multinacional têm sua maior conjunção em 11 de agosto de 1984, quando da reunião, em Quito, dos presidentes da Bolívia, Colômbia, Venezuela e Equador, que assinam uma declaração segundo a qual o aumento da delinquência organizada com vistas ao tráfico e uso de drogas, ultrapassando os limites de ações isoladas nos países envolvidos, exigia desdobramentos multilaterais. Estabeleceu-se também, claramente, que o tráfico de drogas seria considerado um crime contra a humanidade, com todas as conseqüências jurídicas aplicáveis ao caso, propondo-se a criação de um fundo mundial destinado a proporcionar ajuda econômica às nações afetadas pelo tráfico e pelo consumo.

Em 11 de outubro de 1984 avança-se ainda mais em direção a uma campanha internacional, ao ser assinada a declaração de Nova Iorque pelos presidentes da Bolívia, Equador, Colômbia e Venezuela, enfatizando que a próxima conferência especializada teria, como ponto de partida, **O DESENVOLVIMENTO DE AÇÕES DE ALCANCE INTERNACIONAL, PROPORCIONAIS À MAGNITUDE DO SISTEMA CRIMINOSO DO TRÁFICO DE DROGAS E ENTORPECENTES.**

1.2.9 – Outros convênios

Posteriormente, o Rio de Janeiro foi cenário de uma determinação importantíssima, quando da assinatura, em 24 de abril de 1986, da Ata final da Conferência Especializada Interamericana sobre Tráfico de Drogas na qual se determina a cooperação internacional, seja bilateral, seja multilateral, para a luta contra o tráfico clandestino.

Em 30 de abril de 1986, em Lima, assina-se o Convênio "Rodrigo Lara Bonilla", entre os países-membros do Acordo de Cartagena. Esse tratado internacional obriga as partes contratantes a uma luta comum e coordenada contra o tráfico de drogas.

Na V Conferência Internacional de Luta contra o Tráfico de Drogas, realizada em São Paulo, em 24 de março de 1987, fica estabelecido que os países signatários devem adotar, nas respectivas legislações, a intervenção em contas bancárias de pessoas acusadas de narcotráfico, bem como o congelamento dessas contas, a pedido de outros países. O Panamá foi o primeiro país a aplicar essa medida.

Como se vê, são inúmeros os convênios internacionais em que a Bolívia assumiu verdadeira liderança ao propor, em vários conclaves, a tese irrefutável de que o tráfico de drogas, como crime de múltiplas conseqüências, deveria ser inserido nos ordenamentos jurídicos das nações, dentro de um mesmo contexto capaz de unificar critérios e ações conjuntos para combater o tráfico ilegal de entorpecentes.

1.2.10 – Ajuda insuficiente

Infelizmente, no que diz respeito à cooperação econômica dos países que se constituem em grandes mercados de consumo de cocaína os resultados não foram os melhores.

Paradoxalmente, ocorre uma postergação incompreensível que impede uma luta decisiva contra o tráfico de drogas bem como ajuda para a implantação de outra cultura que não a da folha de coca.

CAPÍTULO II

O NARCOTERRORISMO

2.1.1 – O terrorismo da droga

“O Brasil que conhece as favelas do Rio de Janeiro apenas pelo que de lá desce – às vezes em ritmo de samba, mas na maioria dos casos em forma de problema – pôde finalmente subir o morro carioca, na semana passada, levado pela televisão. As câmaras subiram o morro Dona Marta, um aglomerado de barracos, com 11.500 moradores, incrustado numa área nobre do Botafogo, para acompanhar o que se definia como uma guerra de titãs entre dois grupos rivais de traficantes de drogas que se enfrentavam pelo domínio do crime na área. Durante uma semana, policiais civis e militares avançaram sobre a favela Dona Marta com armas engatilhadas, enquanto nas travessas do morro marginais do tráfico concediam entrevistas à imprensa e deixavam-se filmar e fotografar com automáticas em punho. Uma bonita adolescente, Carla, de 14 anos de idade, chegou a exibir-se com uma pistola 7.65 na mão, e o chefe de uma das quadrilhas, Zacarias Gonçalves, o “Zaca”, 36 anos, com crianças no colo, declarou que a guerra na favela só acabaria com sangue. ‘Ou morro eu, ou morre ele’, afirmou referindo-se ao chefe do bando rival, Emílson Fumero, o “Cabeludo”.

Esse artigo foi publicado na revista VEJA de 2 de setembro⁹ e relata o confronto de dois grupos rivais de distribuidores de cocaína e maconha, considerados “relativamente modestos” pela revista.

2.1.2. – O consumo

Não faz ainda muito tempo as grandes metrópoles brasileiras eram consideradas apenas rotas para o narcotráfico internacional, embora já se previsse que, devido à grande concentração de população de classe média alta e de classe alta, com grande poder aquisitivo, nem toda a cocaína proveniente do Peru e da Bolívia sairia para os Estados Unidos e para a Europa, passando ao largo por São Paulo e pelo Rio de Janeiro; por serem importantes centros turísticos, essas cidades têm uma grande população flutuante, constituída de estrangeiros, apta para o consumo de cocaína. Esse consumo aumenta enormemente nos meses anteriores ao carnaval e torna-se ainda maior durante a festa de Momo.

O consumo da droga provocou inúmeras tragédias em nível pessoal e familiar. Homens, mulheres e crianças enlouquecidos, inutilizados ou mortos em decorrência dos efeitos do consumo de cocaína certamente contam-se aos milhões em todo o mundo. As seqüelas que acarreta, não apenas aos próprios consumidores mas também a todos que os rodeiam, pais, irmãos, parentes, amigos, etc., traumatizaram grupos inteiros.

É doloroso, inclusive para pessoas não diretamente envolvidas, ouvir pais desesperados pedirem a Deus que “leve” o filho drogado a fim de aliviar-lhe o sofrimento, tendo em vista sua própria impotência para fazer alguma coisa ou, depois de tentarem tudo, não terem encontrado solução para o problema.

Até há pouco, muitas pessoas não compreendiam as dimensões do problema do tráfico e consumo de drogas, principalmente aquelas que não tiveram oportunidade de ver de perto suas conseqüências devastadoras; não podiam aceitar que houvesse, em seu próprio meio, pessoas destruindo lentamente outras pessoas com o único objetivo de ganhar dinheiro por intermédio do nocivo comércio.

2.1.3 – Experiência amarga

O ocorrido no Rio de Janeiro, narrado no início deste capítulo, ultrapassa os limites de compreensão, inclusive a do autor deste trabalho que, apesar de seus 27 anos de experiência como policial, não poderia imaginar que o poder do narcotráfico chegasse a níveis tão perigosos para uma sociedade florescente como a do Brasil.

O terror da droga, esse terrorismo que não tem ideologia, raça, idade, sexo nem religião, instala-se numa das cidades mais bonitas do mundo e provoca o pânico numa metrópole de 8 milhões de habitantes, mantendo a distância policiais civis e militares durante cinco dias. Recebe toda cobertura da imprensa, e a nação mais poderosa da América Latina treme diante dele.

Acontece que o terrorismo da droga ultrapassou os limites pessoais e familiares. Se antes, como dissemos, apenas os mais próximos dos viciados temiam ter ao seu lado um consumidor com amigos traficantes, agora são cidades inteiras que assistem atônitas à guerra de duas “gangs”, consideradas “modestas” no submundo do tráfico.

2.1.4 – Onda de crimes

A onda de assassinatos nas grandes cidades é explicada como conseqüência de diversos fatores, mas como na maioria dos casos esses crimes não são resolvidos, ficam desconhecidos os verdadeiros motivos pelos quais foram cometidos. Diante de tudo o que acontece, a explicação que nos ocorre é que muitos desses crimes decorrem de disputas e vinganças entre narcotraficantes, em razão de um fato incontroverso: o tráfico de drogas, por causa das grandes quantidades de dinheiro que manuseia, está ligado a grande número de crimes que vão desde a corrupção de menores, prostituição, suborno, assassinatos, furtos, falsificação, fugas de presídio, etc. até o suborno de políticos influentes, dos meios de comunicação, dos tribunais e das próprias organizações policiais encarregadas da repressão.

Países como a Colômbia e a Bolívia vivem experiências dolorosas, e muitas cidades colombianas ainda sofrem as conseqüências do flagelo das drogas. Até agora, vários políticos, magistrados e policiais que tiveram a coragem de enfrentar abertamente as poderosas “máfias” do narcotráfico pagaram pela sua audácia com a própria vida.

2.1.5 – Roberto Suárez

Santa Ana del Yacuma é uma pequena cidade de 10.000 habitantes, às margens do rio Yacuma, importante afluente do Mamoré, encravada nas planuras tropicais do Departamento de Beni. Há dez anos, era apenas um a mais entre os pequenos vilarejos esquecidos pela administração central (Governo), constituído por uma população na sua maioria dedicada à agricultura e à pecuária; seu nome tornou-se famoso graças ao fato de ser a cidade natal de um dos maiores traficantes de droga do mundo, Roberto Suárez Gomez, considerado o pioneiro no preparo da cocaína e na sua remessa da Bo-

lívica para os Estados Unidos, com a cumplicidade de poderosos grupos colombianos. Este sinistro personagem sempre foi considerado, pela população de Santa Ana, como uma espécie de Robin Hood nativo; diz-se que muitos progressos alcançados pelo povo, energia elétrica, postos sanitários e outros mais foram conseguidos com recursos do “Tio Roberto”, como chamam a esse “filantropo”.

2.1.6 – Outras “rotas”

Todos os que trabalharam ao lado de Roberto Suárez – na sua maioria com algum laço de parentesco com ele – foram se inteirando do “negócio” e, o que é mais importante que as conexões internacionais que mantinha e que, além disso, representavam uma considerável fonte de rendas, ao serem vendidas aos que se tornavam independentes. Pouco a pouco, seus lugar-tenentes e compradores de cocaína foram criando novas “rotas” de tráfico, surgindo daí nomes como os de Jorge Roca, “a”¹⁰ “Techo de Paja”, Oscar Roca e outros que atualmente são os novos barões da cocaína na Bolívia. Roberto Suárez Gómez hoje não é mais que uma má recordação; envelhecido e viciado, vive se escondendo onde pode, sofrendo ele mesmo os efeitos da “Deusa Branca”.

Os sucessores de Roberto Suárez Gómez continuaram a tradição de seu antecessor e se instalaram na região de Santa Ana e arredores. Ante a perspectiva de um negócio lucrativo, fácil e sem conseqüências legais, foram surgindo muitos outros audaciosos que em pouco tempo adquiriram poder econômico sobre a população.

2.1.7 – Operação em Santa Ana

Em 21 de agosto de 1986, planejou-se uma operação que tinha como objetivo a pequena cidade de Santa Ana. Dela participaram tropas de elite da Policía Nacional, conhecidas como “Leopardos”, transportadas por helicópteros Blackhawk do Exército dos Estados Unidos. Esta é uma das poucas formas de acesso à cidade; a outra, pelo rio, foi descartada porque se conhecia a existência de um sistema de alarme dos narcotraficantes ao largo do rio Yacuma e também por causa da longa distância a ser percorrida para se chegar ao lugar.

Ao amanhecer, os 3 helicópteros aterrissaram num campo de futebol nas imediações da cidade. A tropa movimentou-se e, em poucos minutos, havia tomado os pontos indicados como estratégicos, iniciando-se a revista nas casas de conhecidos traficantes e procedendo-se à captura deles. De repente e sem que se soubesse por que, os sinos da pequena igreja começaram a tocar rebate, alertando o povo que começou a juntar-se na pequena praça principal. Quando o número de pessoas chegou a mais ou menos 3 mil, entre homens, mulheres e crianças, muitos deles armados, o Comandante dos Leopardos concentrou seu efetivo na Subprefeitura. A situação tornava-se cada vez mais tensa; os habitantes, por intermédio de portavozes, pediam a libertação dos detidos e a saída imediata de policiais e jornalistas; a tensão chegou a tal ponto que vários correspondentes estrangeiros que chegaram com as tropas tiveram que interceder junto ao Comandante da operação para que atendesse o pedido dos habitantes.

2.1.8 – Postos em liberdade

Os narcotraficantes, muitos deles considerados importantes, foram libertados, e

o Comandante e seus homens tiveram que deixar o povoado, ante os olhares vigilantes de pessoas que provavelmente não sabiam o que faziam. Mais uma prova do poder do narcotráfico controlando, por intermédio da cocaína, populações inteiras, aliciadas por intermédio da ocupação de espaços que deveriam ser cobertos pelo Governo, como os referentes a energia, saúde, educação, etc.

Poderíamos prosseguir, enchendo de exemplos as páginas deste trabalho. De uma forma ou de outra, esse poder vem-se manifestando em diferentes atividades da vida de nossa nação, em todas deixando ver claramente as seqüelas da corrupção, da dor e da morte que o narcotráfico vai deixando atrás de si e ainda que seu poder é cada vez maior e prosseguirá crescendo, se as pessoas não se conscientizarem das conseqüências que acarreta. Temos que pôr cobro a esta atividade maldita que nos causa mais dano que uma guerra com as armas mais sofisticadas. Não podemos considerar este problema como “dos outros”, porque se não se trabalha em conjunto, as conseqüências virão, cedo ou tarde.

2.1.9 – Conclusão

O que expusemos até aqui são apenas pequenos exemplos do “vazio” do Estado em setores sensíveis da sociedade e do poder e da influência dos traficantes de drogas. Quando o Estado não é capaz de cumprir suas obrigações fundamentais — e a utilização eficiente do aparato policial é uma delas — é de se esperar que as leis não tenham vigência e que os cidadãos fiquem à mercê da força bruta. Assim acontece em zonas de conflagrações internacionais, como em Beirute, no Líbano, nas regiões de Moçambique dominadas por grupos armados a serviço do “apartheid” sul-africano e nas áreas do Peru controladas pelos terroristas do Sendero Luminoso. Acontece também o mesmo nas favelas do Rio de Janeiro e nas cidades da Colômbia e da Bolívia dominadas pelos traficantes. Desafiando o poder constituído, os senhores do tráfico conseguem manter seus negócios à tona, ainda que da prisão. Diante da ausência do Estado, só resta à população buscar a proteção desses delinquentes.

Segundo Alba Zaluar, autora de “La máquina y la revuelta”,¹¹ “Para o mundo exterior, de fato, eles se transformam em protetores. Mas a relação da comunidade com esses homens não é de idolatria: eles despertam respeito, raiva e medo.”

Não se pode considerar o narcotráfico como o único responsável pelo aumento desmesurado da violência, o que implicaria desconhecer os outros fatores responsáveis por ela. Nos últimos anos, esses fatores foram agravados pela crise econômica que atingiu os países da América Latina: a inflação cada vez maior, provocando desemprego em massa dos trabalhadores, salários que a cada dia perdem seu valor aquisitivo e recessão. Essa situação é, sem dúvida, mais propícia para o aumento da violência.

Os lucros do narcotráfico bem como a impunidade dos que o praticam, resultante de sistemas judiciais e repressivos deficientes, são incentivos para que o número de pessoas envolvidas na produção, manipulação, tráfico, distribuição e consumo de cocaína seja cada vez maior.

As características peculiares do narcotráfico, seu poder econômico, sua organização, dão-lhe condições de superar, com grande vantagem, as organizações policiais e judiciais. Armas sofisticadas, modernos equipamentos de comunicação, conexões de todo tipo e em vários países, aviões, veículos, etc. permitem-lhe uma ação rápida e segura.

A apreensão não afeta grandemente os traficantes, já que podem ressarcir-se

com facilidade. Em torno do tráfico criminoso giram o assassinato, a corrupção, a prostituição, o seqüestro, o roubo e outros crimes, agravados pela extrema violência com que são praticados, freqüentemente como consequência do consumo de drogas.

O assassinato de sete policiais em Chulumani, Departamento de La Paz, em 1981, a morte do cientista boliviano Kempf e de seu acompanhante, o piloto Rocha Manidís, na Serra de Huauchaca, no Departamento de Santa Cruz, as centenas de assassinatos nunca esclarecidos, a violência criminal no Rio de Janeiro são apenas um exemplo. Poderíamos encher folhas inteiras com seus crimes e não acabaríamos nunca; apenas reunimos os fatos mais importantes para reforçar esta afirmação: o narcotráfico é o responsável, direta ou indiretamente, pela maioria dos crimes violentos que se registram no mundo.

DA DROGA AO TERRORISMO

2.2.1 – Terrorismo internacional

Desde que o terrorismo e as táticas de guerrilha passaram a ser empregados para fomentar revoluções e derrubar governos, raramente os terroristas respeitaram fronteiras nacionais. Os anarquistas¹² que praticavam assassinatos e atiravam bombas no fim do século XIX e princípio do século XX tinham as mesmas aspirações à revolução mundial, por intermédio do terrorismo, que as atuais organizações responsáveis por muitos incidentes aos quais foi dada ampla publicidade. O fator novo, em relação aos últimos anos, é a contribuição da ciência moderna que proporcionou aos terroristas novas possibilidades criadas pelos explosivos modernos e pelas viagens em aviões a jato. Ao mesmo tempo, a rapidez e a presteza com que os meios de informação defendem as operações terroristas mais espetaculares significam uma publicidade de alcance mundial, que freqüentemente é sua razão primeira, pondo em prática o velho lema dos anarquistas: “publicidade para as ações.”

As organizações terroristas que operam em escala internacional desde 1968, aproximadamente, acharam mais eficaz, do ponto de vista publicitário, e mais fácil, do ponto de vista prático, golpear o “inimigo” seqüestrando um avião ou um diplomata estrangeiro ou, ainda, montando uma operação num país não envolvido diretamente em seu próprio conflito. Muitas dessas organizações professam alguma forma de ideologia internacional, derivada, em diferentes graus, dos escritos de Marx, Mao, Fanón, Guevara e outros, ou seguem o exemplo de movimentos similares de outros países. O Nacionalismo, no entanto, continua sendo a principal fonte de inspiração; apenas umas poucas organizações de países desenvolvidos (como o Exército Vermelho japonês e o grupo Baader-Meinhof, da Alemanha Ocidental) não se caracterizam por apelar para alguma forma de sentimento nacionalista. O grupo terrorista Sendero Luminoso, do Peru, se encontraria situado num contexto estratégico internacional ainda não muito bem definido, ainda que basicamente atenda às críticas revolucionárias efetuadas em 1963 pelo governo da China que concretizou sua tese na denominada “revolução cultural” e que, na América Latina, pode-se encontrar na luta de Che Guevara “já abandonado por Fidel Castro e utilizando táticas de luta particulares” e ainda com certos setores do trotskismo latino-americano (setores que não aceitam a aliança tática com outras forças). Em outros casos, como no do Exército Republicano Irlandês (IRA), dos palestinos e dos diversos Movimentos de Libertação Nacional, a inspiração nacionalista é claramente o principal motivo e (como exemplificam os casos dos irlandeses e dos pa-

lestinos) a ideologia é antes um lema do que um elemento de união.

O nacionalismo é um elemento igualmente importante na América Latina, ainda que se manifeste frequentemente como hostilidade contra o “imperialismo norte-americano”.

A razão desta ênfase dada ao nacionalismo foi exposta claramente por Charles Gagnón, um porta-voz da Frente da Libertação de Quebec na “Left Review” (Revista na Nova Esquerda) de novembro/dezembro de 1970:

“(…) em todas as partes do mundo, este momento é mais favorável para reunir as forças progressistas em torno da luta nacional do que para a revolução mundial. Por exemplo, se se iniciasse a luta em nome da Revolução Mundial, certamente se mobilizaria um certo número de militantes. Mas se passariam anos, falar-se-ia muito e não se agiria... É por intermédio da luta nacional que podem ser mobilizadas as massas para a Revolução Mundial.”

Apesar disso, os movimentos latino-americanos vêm recebendo armas, facilidades para treinamento e outras coisas mais de governos estrangeiros e, em muitos casos, colaboram com organizações terroristas de outros países. Cagnón fez especulações sobre o crescimento de uma nova “internacional”, procedente de grupos como o seu, que poderia atuar como “uma organização de cooperação entre os grupos nacionais”.

2.2.2 – A solidariedade

O compartilhamento de ideologias semelhantes e as freqüentes expressões de solidariedade entre grupos terroristas algumas vezes levaram à suposição de que já existe uma “internacional” do tipo descrito por Cagnón ou, pelo menos, de que existe uma grande colaboração entre eles. Devido ao caráter secreto dessas organizações e ao fato de muitas delas afirmarem possuir conexões internacionais com a finalidade de fazerem propaganda para si mesmas, é difícil julgar com exatidão a extensão dos vínculos internacionais ocultos em suas operações; os dados de que se dispõe, no entanto, indicam que existe apenas uma cooperação ilimitada de origem muito recente baseada essencialmente num contato informal e bilateral, dirigido por um único centro. As conhecidas intenções de formar um centro semelhante fracassaram.

A chamada Conferência Tricontinental (o primeiro congresso de solidariedade entre os povos da África, Ásia e América Latina), realizada em Havana, em janeiro de 1966, foi vista na época como um ambicioso projeto de coordenar as lutas de libertação nacional nos três continentes, mas os organismos permanentes que criou foram inoperantes. Mais tarde o crescimento das organizações trotskistas levou as novas especulações sobre uma “internacional” de guerrilhas, mas não existem provas de ramificações internacionais, além de apoio moral permanente por parte da imprensa na Quarta Internacional em Bruxelas.

Por outro lado, alguns países como Cuba e Nicarágua estão oferecendo apoio sob a forma de propaganda, armas, equipamento e treinamento a membros de vários grupos diferentes; na América Latina, as manifestações de solidariedade entre grupos algumas vezes vêm acompanhadas de ajuda material.

Com as mesmas intenções, criou-se em 1970 a Organização Latino-Americana de Solidariedade (OLAS), cujo dirigente máximo foi o ex-presidente chileno Salvador Allende. Sua morte implicou, em grande parte, a automática extinção da Organização.

Recentemente, as organizações terroristas latino-americanas estavam preparando, para o ano de 1987, uma reunião em Cuba, chamada Congresso de Havana. Entretanto, não existem informações sobre sua realização.

As mais recentes reuniões de que se tem conhecimento são as realizadas em vários países da América Latina por representantes de organizações terroristas latino-americanas que, sob o pretexto de fazerem análises sobre a “dívida externa”, realizavam trabalhos com vista a criar um movimento conjunto na América Latina. Existem também informações sobre uma organização denominada “Batalhão América”, organizado e dirigido por Cuba que, pelo que se sabe, estaria estruturando seus quadros, desconhecendo-se, até o momento, ações por ele realizadas. A idéia de levar a cabo o “Congresso de Havana” pode significar que o “Batalhão América” não se concretizou e por isso deseja-se criar um substituto.

Parece que um dos elementos mais importantes para a não-unificação das organizações terroristas da América Latina é o acendrado nacionalismo do latino-americano que, em última instância, não aceita a participação direta de estrangeiros nem a submissão de sua organização a determinações estrangeiras. Sem dúvida esse foi um dos fatores mais importantes para o fracasso de Che Guevara na Bolívia.

É alentador pensar que apesar de, regra geral, as organizações terroristas terem origens ideológicas semelhantes, na prática nunca conseguiram entrar em acordo, razão pela qual a maioria dos movimentos revolucionários da América Latina fracassou, com as conhecidas exceções de Cuba e Nicarágua. A ascensão de Salvador Allende ao poder, no Chile, e de J. Torres y Hernan Siles, na Bolívia, inclusive pela via democrática, e seu posterior fracasso demonstram que as organizações de extrema esquerda só conseguem estabilizar-se no poder destruindo totalmente as Forças Armadas e a Polícia, suportes do “sistema capitalista”.

2.2.3 – Finanças e logística

A maior dificuldade das organizações terroristas no mundo inteiro é financiar suas operações. As subvenções externas, especialmente de alguns países europeus e de Cuba, são ínfimas se comparadas com as necessidades reais para a manutenção de uma ação constante. Tais subvenções diminuíram quando seus doadores comprovaram que as importâncias enviadas para financiar as atividades subversivas eram, em sua maioria, utilizadas para melhorar a situação pessoal de muitos líderes dos países latino-americanos. Sabe-se agora que as importâncias efetivamente transferidas por intermédio de contas na Suíça chegam em pequenas quantidades, e a destinação delas é previamente definida por avaliadores especiais.

A cooperação internacional, dada por Cuba e pela Nicarágua no caso dos países latino-americanos, destina-se essencialmente ao apoio à organização e comando por intermédio de assessores estrangeiros, ao treinamento de combate, à propaganda e a equipamento, como se comprovou nos últimos anos.

Os métodos tradicionais de financiamento utilizados pelas organizações terroristas, tais como assaltos a banco, seqüestro de personalidades ligadas à política, à indústria e à diplomacia com vistas ao resgate em dinheiro, assaltos a empresas de todo tipo, etc., deixaram de ser os melhores meios de obtenção de recursos, devido, em parte, à reação do público a esses atos e à possível perda de simpatia pela causa. A esse

respeito, o guerrilheiro brasileiro Carlos Marighella, em seu “Minimanual do Guerrilheiro Urbano”, recomenda o seqüestro sempre que “seja simpático ao público e que por isso o aceite.” Por outro lado, as organizações terroristas encontraram uma forma de financiamento mais viável, mais lucrativa e menos perigosa: o narcotráfico.

2.2.4 – Terroristas e traficantes

O terrorismo contemporâneo, em sua ação para solapar os diversos obstáculos que as comunidades ocidentais lhe opõem, optou por diferentes ramificações e contactos.

No campo da propaganda e da desinformação, por exemplo, ou ainda na defesa jurídica de seus agentes, influenciou com êxito muitas organizações de caráter religioso e humanitário, transformando-as até convertê-las em seus mais eficientes órgãos de fachada e bastiões de seus assessores legais.

Devido aos graves problemas econômicos da URSS, suas receitas foram significativamente reduzidas. Além disso, hoje em dia já não é tão fácil, como era há 15 anos, “expropriar” bancos e empresas. Aproveitando-se de sua grande experiência na complexa área da clandestinidade, a internacional do terrorismo volta-se para o lucrativo negócio do narcotráfico, gerando um novo fenômeno duplamente maligno: o narcoterrorismo.

Esta união amoral faz-se de forma relativamente simples. Consiste na proteção e apoio infra-estrutural que os movimentos e governos do bloco da “revolução sem fronteiras” dão aos narcotraficantes, destacando-se, principalmente, os regimes nicaraguense, cubano, búlgaro, norte-coreano e as associações políticas clandestinas FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), braço armado do PC colombiano, o M-19, também colombiano, o Sendero Luminoso, do Peru, os sandinistas e o PC birmanês que controla 50% da produção de ópio para financiar suas atividades na área de “responsabilidade revolucionária”. Os búlgaros utilizam sua Corporação Estadual de Exportações – KINTEX – para negociar a troca de armas por “drogas heróicas” com extremistas turcos. Recorde-se que esta mesma associação foi apontada pela justiça italiana como responsável pela tentativa de assassinato de Sua Santidade João Paulo II e do assassinato do líder democrata-cristão Aldo Moro, este último executado pelas Brigadas Vermelhas na Itália.

As regiões dominadas pelas FARC colombianas e pelo Sendero Luminoso do Peru são algumas das áreas de segurança do narcotráfico na América Latina. Em 10 de março de 1984, as Forças Armadas colombianas apreenderam nas selvas da Colômbia 25.500 kg de cocaína processada sob a proteção de grupos subversivos. O pagamento dessa proteção corresponde a 10% do valor final da “comercialização” que são injetados na tesouraria da organização de esquerda. De acordo com a senadora norte-americana Paula Hawlin, a Colômbia é, atualmente, o principal produtor mundial de maconha (15.000 toneladas) e de cocaína, com 12.800 toneladas anuais. Já o Vice-Secretário de Estado dos Estados Unidos, James Michael, denunciou (1984) vinculações do M-19 com o chefe do narcotráfico Jaime Guillot Lara, apontado por Fidel Castro, em 1982, como “um bom amigo de Cuba”.

Um holandês cujo condinome é DEKKER, contato europeu do narcotráfico, declarou ante o Senado dos Estados Unidos que a rota usada é Colômbia, Nicarágua e Bélgica, favorecida pelo Ministro do Interior da Nicarágua, Tomas Borge, que abriu aos

narcotraficantes a ilha de Corw. A denúncia foi ratificada por outro desertor, Jaimes Herringl.

A luta contra o terrorismo requer estratégias eficazes. O princípio do “olho por olho” (ou pagar terror com mais terror, de que são exemplos a “guerra suja” de El Salvador ou da Argentina), talvez possa dar resultados efêmeros a curto prazo, mas não é uma solução aceitável do ponto de vista ético nem eficiente do ponto de vista operacional, uma vez que transforma os criminosos narcoterroristas em vítimas de “excessos repressivos”, de alto custo para os governos de países com opinião pública independente. O caminho é o planejamento minucioso, a constante especialização, o trabalho intelectual racional e efetivo diante de um inimigo multinacional que carece de prazos e de um mínimo de misericórdia cristã.

CAPÍTULO III

O PAPEL DA POLÍCIA

Os policiais, pelas relações que mantêm com a comunidade em que atuam, podem detectar viciados em narcóticos e encaminhá-los às respectivas instituições para que recebam informações e tratamento necessário.

Têm também o dever de investigar o processamento, tráfico e distribuição ilegal de narcóticos proibidos, atuando em defesa da lei e da sociedade. Não devem ocupar-se apenas com o que se refere a suas atividades de rotina, mas também com a obtenção de informações sobre as rotas de tráfico e dos métodos de operar e de distribuir dos narcotraficantes.

Deve dar-se cada vez mais importância ao treinamento de todo o pessoal das polícias na luta contra a delinquência provocada por narcóticos.

Considerada em sua totalidade, a atividade operacional da polícia abrange desde patrulhas, uniformizadas ou não, ocupadas com os crimes de distribuição e de consumo que descubram no exercício de suas funções habituais — até unidades especializadas na luta contra substâncias perigosas e os departamentos de investigação criminal, encarregados dos casos mais graves de processamento, tráfico e distribuição de narcóticos.

As leis vigentes¹³ na maioria dos países facultam à polícia a detenção e a identificação de qualquer indivíduo, quando há motivos razoáveis para suspeitar que detém droga de consumo restrito (ilegal). Estes poderes de identificação sem mandado judicial também são aplicáveis a qualquer veículo ou embarcação; a polícia tem, além disso, a faculdade de apreender e reter provas do delito; podem ser feitas identificações em edifícios, quando permitido pelos habitantes; caso contrário, é necessário mandado judicial, assinado por autoridade competente. Geralmente configura-se delito a criação de obstáculos para a polícia em seu trabalho de busca de provas de crime relacionado com o narcotráfico ou com o terrorismo. Todos esses poderes outorgados às organizações policiais permite-lhes detectar, periodicamente, um sem número de operações ilegais. Além disso, podem fornecer informações valiosas aos órgãos especializados na luta contra o narcotráfico, permitindo-lhes descobrir grandes redes criminosas, nacionais ou internacionais. Resulta daí a troca de informações entre os policiais de um mesmo país e destes com organizações de outros países, na busca permanente de intercâmbio eficiente, de fundamental importância na luta contra as drogas.

CAPÍTULO IV

CONCLUSÕES E SUGESTÕES

4.1.1 – Conclusões

1. Em sua essência, o narcoterrorismo, com sua dupla face, constitui-se em brutal agressão contra o mundo livre. Em seu aspecto substantivo, financia os grupos de violência. No aspecto tangencial e mediato estimula, por intermédio do consumo de drogas, um estado de abulia e indiferença nas sociedades ocidentais, atirando a juventude numa crescente atmosfera de degradação moral.

2. O problema das drogas e suas implicações com o terrorismo internacional constituem a mais séria ameaça, em tempo de paz, ao bem-estar dos países ocidentais.

3. Nenhum país pode sentir-se a salvo da contaminação pela droga, nem mesmo aqueles que, no passado, não tinham substâncias perigosas em seu território ou estavam longe dos centros de produção.

4. O dano que as drogas causam nas sociedades atuais traz conseqüências imprevisíveis e é válido qualificar o tráfico de drogas como **DELITO CONTRA A HUMANIDADE**.

5. O aumento do abuso de narcóticos é um fenômeno universal e reflete o fato de que o tráfico ilícito de drogas tem caráter mundial. As imensas fortunas que é possível ganhar com o contrabando e o comércio de drogas levaram as organizações terroristas e criminosas a entrarem nesse campo.

6. O fato de o tráfico de drogas ser crime de várias faces, o pacto entre a oferta e a procura de narcóticos, os vínculos sócio-políticos e econômicos desta ação criminosa e seus efeitos deletérios para a sociedade demonstram que existe uma responsabilidade compartilhada que torna necessária uma luta comum e global.

7. As causas do mal estão divididas entre consumidores e produtores, não sendo fácil determinar quem é o maior culpado, apesar de ser evidente que se não houvesse produção não haveria consumo.

8. A folha de coca, usada durante séculos com fins medicinais e numa infusão benéfica, converteu-se rapidamente em matéria-prima de uma das mais nocivas drogas modernas.

9. Para os países produtores da matéria-prima utilizada na produção de narcóticos não é tarefa fácil enfrentar o narcotráfico e seus aliados terroristas, principalmente se considerarmos que quase todos são países pobres, de poucos recursos, que lutam contra multinacionais que encontram consumidores em nações ricas e nelas obtêm lucros enormes. Essas nações sabem, por experiência própria, que, mesmo contando com recursos vários, o combate é árduo e poucas vezes alcança êxito total.

10. Diante do crescente avanço do narcoterrorismo, do consumo de drogas e da delinqüência que provoca, a polícia deve dar prioridade a este problema, revendo seus procedimentos e estruturas operacionais, com a finalidade de otimizar sua atuação em todos os níveis.

11. O tráfico de drogas tem caráter internacional e exige ação repressiva também internacional, não apenas em relação a produtores e consumidores, mas também em relação ao tráfico e aos intermediadores.

4.1.2 – Sugestões

1. O tráfico de drogas, por suas implicações políticas, econômicas e sociais, deve inserir-se no sistema jurídico das nações, dentro de um mesmo contexto capaz de unificar critérios e ações conjuntas, com a finalidade de combater o tráfico ilegal de narcóticos.

2. Aplicação de lei, para impedir que os agricultores se dediquem a culturas ilegais; erradicação das plantações para afastar os que se dedicam a culturas ilegais; substituição das culturas e desenvolvimento rural para incrementar outras culturas, além de proporcionar a infra-estrutura local necessária, de forma tal que não exista estímulo algum para a retomada de culturas ilegais.

3. Atacar diretamente as causas do consumo e da demanda. A luta tem que dar-se em todos os campos; compete a ricos e a pobres, a desenvolvidos e subdesenvolvidos. Todos deverão contribuir ou o mal se expandirá e será impossível erradicá-lo.

4. A coparticipação deve dar-se não só por razões humanitárias e morais, mas também econômicas. Se todos nos entendêssemos como é necessário, gastar-se-ia menos do que agora e com melhores resultados; seriam poupados esforços e dinheiro se combatêssemos adequadamente a produção e, em especial, as causas da demanda.

5. Colocar em prática e aperfeiçoar, com a participação de todos os países interessados no problema, um plano integral que abarque a substituição do cultivo.

6. Criar novos dispositivos legais e um programa sócio-econômico que salve da miséria os camponeses que não mais poderão cultivar a coca, mas que precisam de meios de subsistência.

7. Todos devemos interessar-nos profundamente em contribuir para que o vício não prejudique a mais ninguém, em salvar milhares de pessoas, especialmente jovens, do mal da dependência, e para que não surjam poderosas fontes de corrupção de funcionários públicos, principalmente daqueles que deveriam prevenir e combater o narcotráfico; devemos contribuir para eliminar os poderosos grupos de narcotraficantes e terroristas internacionais que se dedicam a esse infame comércio.

8. Se tais grupos formaram uma rede mundial que facilita seus negócios e os torna lucrativos, é imprescindível que uma associação mundial tome a frente do combate, movida por uma coparticipação cada vez mais estreita, que possa prevenir e reprimir com êxito os delitos de que tratamos.

9. Criar um sistema internacional para a obtenção e troca de informações sobre elementos envolvidos, rotas de narcotráficos e sobre os métodos que possam vir a ser utilizados em futuras operações de contrabando de drogas. Analisar, cotejar e difundir essas informações pelos países envolvidos, permitindo-lhes identificar redes de narcotráfico em grande escala, bem como o interrogatório de suspeitos.

10. Organizar uma força especial de elite encarregada de executar operações antinarcóticos.

11. Colocar em serviço uma linha telefônica confidencial que funcione 24 horas por dia para facilitar ao público o fornecimento de informações sobre traficantes e centros de distribuição de drogas.

NOTAS

1. Yatiri. Uma das formas que designam o feiticeiro ou bruxo no altiplano boliviano. É, especificamente, o bruxo habilidoso no preparo de malefícios. (Cf. DONATO, Hernâni. *Dicionário das mitologias americanas*. São Paulo: Cultrix, 1973).
2. Garcilaso de la Vega. Chamado o Inca, nasceu em Cuzco em 1539 e morreu em Córdoba, em 1611 ou 1616. Seu nome verdadeiro era Gómez Suárez de Figueroa. Filho do capitão espanhol Sebastián Garci Lasso de la Vega e da princesa inca (ñuta) Isabel Chimu Ocllo, filha do inca Huallpa-Tupac. Recolhe, em suas obras, as tradições incas que conheceu na infância. Em 1600 inicia sua obra mais importante, "Comentários Reales, que tratan del origen de los Incas, Reyes que fueron del Perú, de su idolatría, leyes y gobierno en paz y en guerra; de sus vidas y conquistas, y de todo lo que fué aquel Imperio y su República, antes que los españoles pasaran a el. Escritos por el Inca Garcilaso de la Vega, natural de Cuzco, y Capitán de su Majestad."
3. Huallpa. Segundo a tradição, indígena que descobriu as riquíssimas jazidas de prata de Potosí.
4. Cerro Rico de Potosí. Pico famoso em virtude de suas minas de prata. A exploração dessas minas iniciou-se em 1545. A cidade de Potosí, nele localizada, foi fundada em 1547 e se constituiu, nos séculos XVI e XVII, no principal centro argenteífero dos espanhóis. Está situada a cerca de 4.040 m de altitude e é um dos lugares habitados mais altos do mundo. Pedro Ordoñez Ceballos ("Viaje del mundo"), no século XVII informa sobre a importância da cidade: "Potosí é o lugar mais populoso do reino, seja de espanhóis, seja de naturais."
5. Sobre a transmigração dos índios para os trabalhos de extração da prata de Potosí dá-nos notícia ainda Pedro Ordoñez Ceballos ("Viaje del mundo", 1614): "os índios iam antes coagidos e forçados a trabalhar naquelas minas, distantes quarenta, sessenta, oitenta, cem e cento e cinquenta léguas mais ou menos."
6. Criollo. Em sentido amplo, designa o indivíduo originário do lugar em que vive. No texto, refere-se aos naturais da América Espanhola descendentes de espanhóis ou o espanhol nascido na América, sendo corrente, nesse sentido, desde o século XVI. Não era usada, como na versão portuguesa, para indicar pessoas de sangue mestiço, pois com a palavra não se fazia distinção de cor ou de raça. Existiam variações, atribuindo-se outros significados ao termo.
7. Freud começou a interessar-se pela cocaína a partir de 1884, quando suas propriedades eram ainda pouco conhecidas. Pensava em usá-la em casos de problemas cardíacos e de esgotamento nervoso decorrente do uso da morfina. Chegou mesmo a receitar a droga a um amigo que sofria de mal incurável. No mesmo ano, publica um artigo técnico com o título "Sobre a Coca" num jornal médico vienense. Além disso, segundo Peter Gay, seu biógrafo, "o próprio Freud começou a tomar a droga como um estimulante para controlar seus estados depressivos intermitentes,

umentar a sensação geral de bem-estar, ajudá-lo a relaxar em escontros sociais tensos (...). Seu artigo sobre a coca e os artigos que publicou logo depois deram-lhe certa nomeada nos círculos médicos vienenses e mesmo no exterior, e levou algum tempo até que se demonstrasse o caráter possivelmente viciante da cocaína” (p. 57). Maiores informações em GAY, Peter. **Freud. Uma vida para o nosso tempo.** Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 719 p. Veja-se, especialmente, o capítulo “Fundamentos — 1856 — 1905”.

8. DEA. Drug Esforcement Agency. Órgão do governo americano que atua no combate ao tráfico e consumo de drogas.
9. “A TV sobre o morro.” *Veja*. Rio de Janeiro (991): set. 1987. p. 40.
10. O artigo (“a”) aparece em português no original.
11. O título do livro aparece em espanhol no original.
ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta.** As organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1985. 265 p.

Trata-se de tese de doutoramento em Antropologia, defendida pela autora na Universidade de São Paulo, na qual examina as condições de vida no conjunto habitacional conhecido como Cidade de Deus, no Rio de Janeiro. Diretamente relacionado com o trabalho é o capítulo “Trabalhadores e bandidos: identidade e discriminação”, p. 132-172.

12. O anarquismo, no sentido em que aparece no texto, é concepção ou doutrina político-social segundo a qual a sociedade deve constituir uma associação livre de indivíduos, inteiramente isenta de coação representada pelo governo ou por instituições governamentais, como a polícia, a justiça, as forças armadas, etc. Segundo tal doutrina, o direito de o indivíduo dispor de si próprio está acima de todos os outros direitos. Acredita que a origem de todos os males está na organização social, na administração pública, na política e nas instituições tradicionais. Apresenta duas correntes: a idealista e a revolucionária, esta última responsável por inúmeros atos terroristas (ou anarquistas), principalmente no fim do século passado e no início deste.
13. Quanto à legislação nacional, o problema está abordado na Constituição Federal, em diversos aspectos:
Art. 5º —
XLIII — a lei considerará crimes inafiançáveis e insuscetíveis de graça ou anistia a prática da tortura, o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, o terrorismo e os definidos como crimes hediondos, por eles respondendo os mandantes, os executores e os que, podendo evitá-los, se omitirem.”
.....
LI — nenhum brasileiro será extraditado, salvo o naturalizado, em caso de crime comum, praticado antes da naturalização, ou de comprovado envolvi-

mento em tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, na forma da lei.

Art. 144 —
§ 1º — A polícia federal, instituída por lei como órgão permanente, estruturado em carreira, destina-se a:

I —
II — prevenir e reprimir o tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins, o contrabando e o descaminho, sem prejuízo da ação fazendária e de outros órgãos públicos nas respectivas áreas de competência”.

Art. 277 —
§ 3º — O direito da proteção especial abrangerá os seguintes aspectos:

I —
VII — programas de prevenção e atendimento especializado à criança e ao adolescente depende de entorpecentes e drogas afins.”

Art. 243 — As glebas de qualquer região do País onde forem localizadas culturas ilegais de plantas psicotrópicas serão imediatamente expropriadas e especificamente destinadas ao assentamento de colonos, para o cultivo de produtos alimentícios e medicamentosos, sem qualquer indenização ao proprietário e sem prejuízo de outras sanções previstas em lei.”

Ainda não houve regulamentação das normas constitucionais que a exigem. Vigora, no entanto, a lei geral sobre a matéria: Lei nº 6.368, de 21 de outubro de 1976. “Dispõe sobre medidas de prevenção e repressão no tráfico ilícito e uso indevido de substâncias entorpecentes ou que determinem dependência física ou psíquica e dá outras providências.” Comentários sobre a Lei citada e sobre as drogas a que se referem em: SILVA, Edevaldo Alves da. *Tóxicos*. São Paulo: José Bushatsky Editor, 1979. 356 p.

BIBLIOGRAFIA

- Bascope René. “La Veta Blanca”. La Paz, Bolívia, Editorial Aquí, 1982.
- De la Vega, Garcilazo. “Comentários Reales de los Incas”. Buenos Aires, Editora Plus ultra, 1965.
- Fajardo, Humberto. “La Herencia de la Coca”. 2. ed., La Paz, Bolívia, Editora Universo, 1984.
- Inesta, Gerardo. “Los Adoradores de la Diosa Blanca”. La Paz, Bolívia, Editorial Calama, 1986.
- Interior, Ministério. “Archivos”. La Paz, Bolívia, 1987.
- Lafuente, Brasília. “Coca y Cocaina”. 2. ed., La Paz, Bolívia, Editora, 1984.
- Veja, Revista, “A TV sobre o Morro”. São Paulo — Brasil, Editora Abril, septiembre 1987.